

Boletim Conjuntural Semana 09/2026 – 26 de fevereiro de 2026

ÍNDICE

SUÍNOS	2
BOVINO	2
FRANGO	3
TOMATE.....	7
SOJA	4
MILHO	5
FEIJÃO	6

O boletim do Deral da nona semana de 2026 evidencia as oscilações na agropecuária paranaense, marcadas pela expansão das exportações de proteína animal, ajustes nos custos de produção e reacomodação da oferta em importantes culturas agrícolas.

No segmento de carnes, o Paraná consolida protagonismo externo na genética de suínos. O Estado lidera as exportações brasileiras de reprodutores de alto valor genético, reforçando sua posição estratégica no fornecimento desse material para outros países, especialmente o Paraguai.

A bovinocultura de corte também apresenta desempenho robusto, com crescimento expressivo no volume exportado em janeiro e preços médios superiores aos do ano passado, embora

haja atenção quanto ao ritmo de utilização da cota chinesa.

Já a avicultura de corte encerrou 2025 com custos relativamente controlados frente ao ano anterior, mesmo com oscilações recentes em milho e farelo de soja, preservando margem positiva ao produtor paranaense.

Na agricultura, a colheita da soja avança dentro da normalidade histórica, ainda que em ritmo inferior ao da safra passada, com impactos diretos sobre a janela ideal de plantio do milho segunda safra. O cereal, por sua vez, mantém perspectiva de produção elevada, sustentada pela ampla área cultivada no segundo ciclo.

No feijão, a expressiva redução de área na segunda safra acende alerta quanto à oferta estadual e nacional, fator que já se reflete na valorização dos preços ao produtor.

O tomate apresenta forte oscilação de preços ao longo da cadeia com a transição das safras, com tendência de firmeza nas próximas semanas.

Boa leitura!

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

Conforme dados do Agrostat/MAPA, em 2025 o Paraná destacou-se como o principal exportador brasileiro de suínos reprodutores de raça pura, sendo responsável por 62,1% (US\$ 1,087 milhão) da receita nacional, que totalizou US\$ 1,751 milhão. Os outros quatro estados que também registraram exportações nesse segmento foram: Minas Gerais (33,7%; US\$ 589,6 mil), São Paulo (3%; US\$ 53,1 mil), Santa Catarina (1,2%; US\$ 21 mil) e Pernambuco (0,03%; US\$ 531).

Em relação a 2024, a receita das exportações brasileiras de suínos de alto valor genético apresentou crescimento expressivo de 98,9%. O Paraguai foi o maior parceiro comercial, sendo responsável por 79% da receita (US\$ 1,383 milhão). Também figuraram como destinos das exportações brasileiras: Argentina (16,4%), Uruguai (3,6%), Bolívia (1,0%) e Libéria (0,03%).

No tocante às importações, observou-se retração de 19,2% nos investimentos em comparação a 2024, passando de US\$ 2,714 milhões para US\$ 2,192 milhões em 2025. Nesse ano, apenas quatro estados investiram no setor:

Minas Gerais, que liderou as importações com 58,6% (US\$ 1,285 milhão), Paraná (23,6%; US\$ 518,1 mil), São Paulo (16,9%; US\$ 370,5 mil) e Goiás (0,8%; US\$ 18 mil). Quanto à origem, Minas Gerais importou exclusivamente da Dinamarca; o Paraná adquiriu animais da Noruega e do Canadá; São Paulo optou por suínos provenientes dos Estados Unidos, Canadá e Dinamarca; e Goiás comprou do Canadá.

Os investimentos em genética são essenciais para melhorar a produtividade do rebanho nacional e manter a competitividade brasileira na produção global de suínos. Devido ao alto padrão genético desenvolvido no Brasil, aliado à sanidade do rebanho, o País tornou-se um importante fornecedor de suínos reprodutores para outros países.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Em janeiro as exportações de carne bovina brasileira atingiram 258,94 mil toneladas, um aumento de mais de 25% em comparação ao mesmo mês do ano passado, a um preço médio de US\$ 5,38/kg ante os US\$ 4,82/kg de janeiro/25.

Em relação às cotas, há a preocupação com a cota de importação chinesa, estabelecida em 1,1 milhão de

Boletim Conjuntural Semana 09/2026 – 26 de fevereiro de 2026

toneladas. Só em janeiro, mais de 10% dessa cota já foi utilizada, o que pode causar variações no preço ao longo do ano. Ainda assim, outros mercados importantes continuam aumentando as aquisições de carne brasileira, como é o caso dos Estados Unidos, destino de aproximadamente 11,5% do volume exportado. No mês passado, o país adquiriu quase 30 mil toneladas do produto, 57,3% a mais do que em janeiro/25.

No mercado interno, porém, o consumidor paga mais caro por esse apetite de compra externo. Nos últimos 12 meses, a maioria dos cortes pesquisados pelo Deral subiu de preço, com destaque para o filé mignon, que acumula alta de 17% em um ano.

FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De acordo com a Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos (CNPISA), o custo de produção do frango vivo no Paraná, criado em aviário tipo climatizado em pressão positiva, atingiu em dezembro de 2025 o valor de R\$ 4,65/kg. Essa realidade representa uma elevação de 0,4% (+ R\$ 0,02/kg) em relação ao mês anterior (R\$

4,63/kg) e uma retração de 2,9% (- R\$ 0,14kg) em comparação com dezembro de 2024, cujo valor foi de R\$ 4,79/kg.

O Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) foi de + 360,21 pontos (base em janeiro de 2010 = 100 pontos) em dezembro de 2025, representando uma alta de 0,51% em relação a novembro que registrou 358,40 pontos e, uma queda de 2,8% em relação a dezembro de 2024 (370,64 pontos).

Comparado ao mês anterior, o ICPFrango registrou alta nos gastos com ração das aves (+1,38%) e quedas na energia elétrica, calefação e cama (- 1,90%); e estabilidade nos itens mão-de-obra, transporte, sanidade e genética.

Entretanto, considerando o acumulado do ano corrente, tem-se: redução nos itens ração (- 8,92%) e alta nos demais itens: genética (+ 14,82%), energia elétrica (+ 4,98%), transporte (+ 1,88%) e sanidade (+ 9,02%). No item mão-de-obra, a estabilidade prevaleceu.

No Paraná (Coeficientes técnicos: área 1.500m², peso 2,9 kg, mortalidade 5,5%, CA 1,7 kg, 6,2 lotes/ano), a alimentação dos frangos de corte, principal item no custo de produção, passou a representar 63% desse total (R\$ 4,65/kg). E na aquisição de pintinhos de um dia, a

Boletim Conjuntural Semana 09/2026 – 26 de fevereiro de 2026

genética teve peso de 19,13% sobre o ICPFrango.

Em dezembro de 2025, o valor da alimentação foi de R\$ 2,93/kg, o que representou uma leve alta de 1,38 % (+ R\$ 0,04/kg) em relação a novembro (R\$ 2,89/kg), e uma queda de 9% (- R\$ 0,29) em relação ao valor de igual mês de 2024 (R\$ 3,22/kg).

Nos principais estados criadores de frangos de corte e produtores de carne, os custos de produção em dezembro de 2025 foram os seguintes: Santa Catarina com R\$ 5,07/kg e Rio Grande do Sul com R\$ 5,03/kg, sendo o primeiro 0,2% menor em relação ao mês anterior (R\$ 5,08/kg) e o segundo 0,6% menor ante ao custo total de novembro (R\$ 5,06/kg).

Em dezembro de 2025, o preço nominal médio estadual do frango vivo ao produtor no Paraná foi de R\$ 4,96/kg, representando uma queda de 1,2% em relação a novembro (- R\$ 0,06), cujo valor foi de R\$ 5,02/kg. E uma alta de 7,6% (R\$ 0,35/kg) sobre igual mês de 2024, cujo valor foi de R\$ 4,61/kg.

O preço nominal médio do frango vivo ao produtor, no Paraná, terminou o ano de 2025 no valor de R\$ 4,92/kg, 4,2% acima do custo médio anual de produção da ave viva, que fechou em R\$ 4,72/kg (+ 4,4% / + R\$

0,20/kg), acima do valor médio vigente no ano anterior, quando atingiu R\$ 4,52.

E tratando sobre insumos básicos utilizados na avicultura de corte, segundo informações da SEAB/DERAL, o preço do milho no atacado paranaense em dezembro de 2025 atingiu R\$ 63,99/sc de 60 kg, representando um aumento de 2,1% (+ R\$ 1,31) em relação ao mês anterior (novembro: R\$ 62,68/sc de 60 kg). O preço nominal médio de 2025 fechou em R\$ 66,30/sc de 60 kg, 9,2% superior ao valor médio de 2024 (R\$ 60,70).

Outro insumo relevante para a nutrição das aves, o farelo de soja, atingiu em dezembro de 2025 o valor de R\$ 1.816,88/tonelada, 2,1% (+ R\$ 38,20) maior que o preço médio estadual de novembro (R\$ 1.778,68/tonelada). O preço nominal médio de 2025 fechou em R\$ 1.841,73/tonelada, 15,4% menor que o de 2024 (R\$ 2.178,11/tonelada).

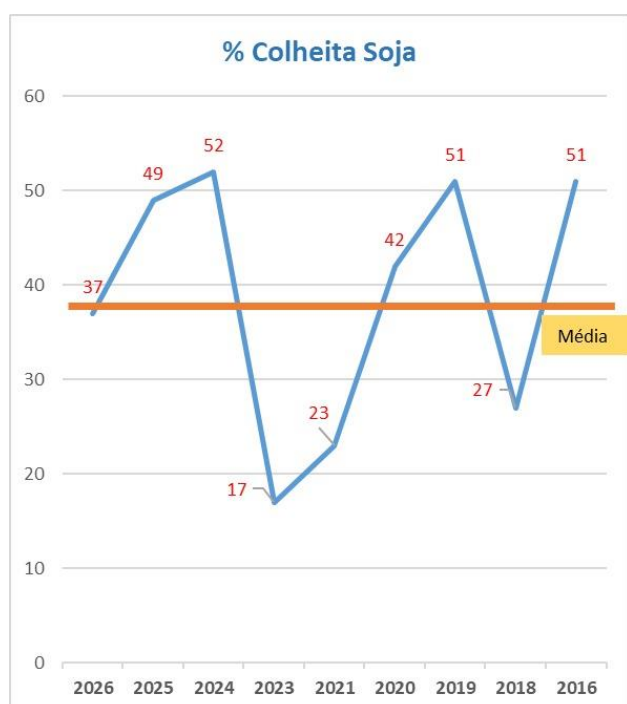
SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

A colheita da safra de soja 2025/26 avança pelo estado. Dos 5,77 milhões de hectares plantados neste ciclo, aproximadamente 2,16 milhões de hectares já foram colhidos, o que representa 37% da

Boletim Conjuntural Semana 09/2026 – 26 de fevereiro de 2026

área total. Comparativamente à safra anterior, este ritmo de colheita encontra-se atrasado. Entretanto, quando comparado às últimas safras, observa-se que os trabalhos seguem dentro da normalidade histórica para o período.



Considerando o calendário de plantio da segunda safra de milho 2025/26, um avanço mais acelerado na colheita da soja poderia favorecer melhor o escalonamento da semeadura do milho, reduzindo riscos produtivos, especialmente em relação à janela ideal de plantio.

Em relação à expectativa de produção, o Deral revisou os números e estimou uma colheita de 22,12 milhões de

toneladas, sem alterações relevantes em comparação aos números divulgados em janeiro.

No campo, 88% das áreas a ainda serem colhidas apresentam boas condições, 11% estão em condição mediana e 1% em condição ruim.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

Os dados revisados de produção de milho no Estado, divulgados pelo Deral, indicam que, mantidas as condições consideradas normais de clima para desenvolvimento das lavouras, a produção deverá alcançar 21,1 milhões de toneladas do cereal.

Desse total, 3,6 milhões de toneladas deverão ser colhidas na primeira safra e 17,5 milhões na segunda safra, que concentra a maior parte da produção estadual.

No momento, a colheita da primeira safra avança e já alcança 42% dos 341 mil hectares plantados neste ciclo. Em relação à segunda safra, o plantio atingiu 45% dos 2,86 milhões de hectares previstos para esta temporada.

Boletim Conjuntural Semana 09/2026 – 26 de fevereiro de 2026

FEIJÃO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

A colheita da primeira safra de feijão está praticamente concluída, com 99% da área já colhida. A produção final é estimada em 192 mil toneladas, volume que corresponde a pouco mais da metade das 341 mil toneladas obtidas entre dezembro de 2024 e fevereiro de 2025. A retração decorre, sobretudo, da redução da área cultivada, mas também de produtividades aquém do potencial, influenciadas pelas baixas temperaturas e pela elevada nebulosidade ao longo do ciclo.

As atenções se concentram agora na implantação da segunda e principal safra do Paraná. Nos primeiros dias de 2026, no início dos trabalhos de semeadura, projetava-se uma área de 295 mil hectares, redução de 15% frente aos 349 mil hectares cultivados em 2025. Contudo, o levantamento mais recente, realizado em fevereiro, indica um desânimo ainda mais acentuado dos produtores. Com mais de três quartos da área já semeados, a estimativa atual aponta para 265 mil hectares no segundo ciclo, o que representa uma retração de 24% em relação ao mesmo período do ano anterior.

De forma agregada, considerando a primeira e a segunda safras, a área

cultivada com feijão no estado deverá ser reduzida em aproximadamente 150 mil hectares, com potencial impacto de cerca de 190 mil toneladas a menos na oferta paranaense. Como o Paraná é o maior produtor nacional, essa diminuição tende a repercutir no mercado brasileiro e já figura entre os fatores que sustentam a elevação dos preços nos últimos meses.

No mercado ao produtor, o grupo comercial preto alcançou média de R\$ 174,06 na última semana, superando em 4% a média de fevereiro de 2025 (R\$ 167,13/sc de 60 kg). O grupo carioca, embora menos representativo na produção estadual, registrou valorização ainda mais expressiva e passou de R\$ 183,29 em fevereiro de 2025 para R\$ 297,33 na última semana, alta de 62% de acordo com a pesquisa de preços recebidos elaborada pelo Deral.

No varejo, o repasse das altas tem ocorrido de forma mais moderada. O feijão preto apresentou elevação de 5% no último mês, mas ainda se encontra 28% abaixo do patamar observado em fevereiro de 2025. Já o feijão carioca acumula valorização de 3,5% em relação aos últimos 12 meses, apesar de leve recuo nos preços em fevereiro, conforme levantamento deste Departamento.

Boletim Conjuntural Semana 09/2026 – 26 de fevereiro de 2026

TOMATE

Eng. Agrônomo Paulo Andrade

Os tomates de primeira safra estão presentes em uma área de 2,5 mil hectares (ha) e se encontram 98% plantados. Levando em conta que 78% já estão colhidos, a produção obtida até o momento é de 127,2 mil toneladas (t), frente às 169,2 mil t projetadas. O rendimento médio está em 67,3 t/ha. Dos 22% a serem colhidos, 87% se encontram com uma boa performance, 11% mediano e 2% aquém da qualidade desejada. Destes 600 ha restantes, 19% se encontram em desenvolvimento vegetativo (DV), 10% em florescimento, 34% em frutificação e outros 37% maturando. Com uma vida de prateleira curta, 25% do colhido ainda está em posse do produtor.

Os tomates de 2ª safra cultivados em 1,7 mil ha tiveram uma evolução de 128% nos plantios entre janeiro e fevereiro, partindo de 18% no mês passado para 41% na semana pretérita com uma área colhida de 40 ha até o momento, no Núcleo regional de Cornélio Procopio.

Para este segundo cultivo a produção está estimada em 104,5 mil t, com um estande em condições 94% boas e 6% médias, germinando 3%, em DV 46%, 24%

florando e 27% frutificando. Projeta-se uma produtividade de 63,8 t/ha.

O agricultor recebeu R\$ 57,67/cx23kg em jan/26 (R\$ 2,51/kg), alta significativa de 61,4% frente aos R\$ 35,74/cx23kg (R\$ 1,55/kg) de dez/25; e 25,5% acima dos R\$ 45,95/cx23kg (R\$ 2,00/kg) nominais de jan/25.

No atacado – Centrais de Abastecimento do Paraná (Ceasa), entreposto Curitiba - os preços da caixa de 20kg do tomate extra AA longa vida, oscilaram para R\$ 60,00 (R\$ 3,00/kg) nesta semana, ante aos R\$ 100,00 (R\$ 5,00) do início de fevereiro, uma redução de 40,0% no mês em curso.

Nas gôndolas do varejo a hortaliça-fruto foi comercializada a R\$ 6,44/kg no mês passado, 44,1% acima do efetivado em dez/25, cujo preço foi de R\$ 4,47/kg; e 15,8% superior ao mesmo mês de jan/25, quando foi vendido a um valor nominal de R\$ 5,56/kg.

Mesmo com uma redução no atacado, os preços tendem a se elevarem até meados de abril, quando a colheita da segunda safra contribui para as cotações se arrefecerem até agosto, com novo repique ascendente em setembro e outubro.